



Dei Verbum



Realização: Associação Filhos de Jesus e Maria, Comunidade de Aliança e Vida (Distribuição gratuita) Edição: Fevereiro-Março / 2009

QUARESMA: TEMPO DE CONVERSÃO E VIDA NOVA

Logo nos primeiros meses do ano Deus nos coloca este tempo forte que nos leva a principal festa da Igreja, que nos leva a preparara a Páscoa. Porque de fato um Ano Novo deve nos levar a querer ter uma Vida nova; Vida nova em Deus pela ressurreição de seu Filho.

Eis o seu apelo que se inicia na quarta-feira de Cinzas: "Converti-vos e crede no Evangelho".

Converter-se significa estarmos dispostos a empregar todos os meios para viver como Ele espera que vivamos a não tentar servir a dois senhores, a afastar da vida qualquer pecado deliberado. Jesus procura em nós um coração contrito, conhecedor das suas faltas e pecados e disposto a eliminá-los. "Então lembrar-vos-eis do vosso proceder perverso e dos vossos dias que não foram bons".

O Senhor deseja uma dor sincera dos pecados, que se manifesta antes de mais nada, na confissão sacramental: "Converter-se quer dizer para nós procurar novamente o perdão e a força de Deus no Sacramento da reconciliação e assim recomeçar sempre, avançar diariamente. Precisamos buscar um coração contrito e alimentar esse anseio de contrição. O Senhor é providente pela oração, pelo jejum e pela penitência, confissão e comunhão, podemos adquirir e permanecer nessa Graça. A Sagrada Escritura nos ajuda a buscar pela oração a contrição, entre tantos, nos oferece o Salmo 50 do Rei Davi que nos faz, realmente saber que somos todos pecadores e necessitados do perdão e da misericórdia de Deus.

Busquemos então como o Rei Davi e tantos Santos o fizeram.

Vamos meditar e refletir pedindo ao Senhor um coração contrito.

SALMO 50: "Ao mestre de canto. Salmo de Davi, quando o profeta Natã foi encontrá-lo, após o pecado com Betsabé: Tende piedade de mim, Senhor, segundo a vossa bondade. E conforme a imensidade de vossa misericórdia, apagai a minha iniquidade. Lavai-me totalmente de minha falta, e purificai-me de meu pecado. Eu reconheço a minha iniquidade, diante de mim está sempre o meu pecado. Só contra vós pequei, o que é mau fiz diante de vós. Vossa sentença assim se manifesta justa, e reto o vosso julgamento. Eis que nasci na culpa, minha mãe concebeu-me no pecado. Não obstante, amais a sinceridade de coração. Infundi-me, pois, a sabedoria no mais íntimo de mim. Aspergi-me com um ramo de hissope e ficarei puro. Lavai-me e me tornarei mais branco do que a neve.

Fazei-me ouvir uma palavra de gozo e de alegria, para que exultem os ossos que triturastes. Dos meus pecados desviái os olhos, e minhas culpas todas apagai. Ó meu Deus, criai em mim um coração puro, e renovai-me o espírito de firmeza. De vossa face não me rejeiteis, e nem me priveis de vosso santo Espírito. Restitui-me a alegria da salvação, e sustentai-me com uma vontade generosa. Então aos maus ensinarei vossos caminhos, e voltarão a vós os pecadores. Deus, ó Deus, meu salvador, livrai-me da pena desse sangue derramado, e a vossa misericórdia a minha língua exaltará. Senhor, abri meus lábios, a fim de que minha boca anuncie vossos louvores. Vós não vos aplacais com sacrifícios rituais; e se eu vos ofertasse um sacrifício, não o aceitariais. Meu sacrifício, ó Senhor, é um espírito contrito, um coração arrependido e humilhado, ó Deus, que não haveis de desprezar. Senhor, pela vossa bondade, tratai Sião com benevolência, reconstruí os muros de Jerusalém. Então aceitareis os sacrifícios prescritos, as oferendas e os holocaustos; e sobressa altar vítimas vos serão oferecidas".

O Senhor nos atenderá se nesse tempo quaresmal repetirmos de todo o coração, como uma jaculatória: Oh meu Deus, criai em mim um coração puro e renovai-me o Espírito de firmeza.

O Senhor também nos pede a abstinência e o jejum, sacrifícios um pouco especiais, pois estes fortalecem o Espírito, mortificando a carne e a sua sensualidade, eleva à alma a Deus. Abate a concupiscência, dando forças para vencer e amortece suas paixões, e que não procure outra coisa senão agradar a Deus em tudo.

Além destas manifestações de penitência, a abstinência de carne a partir dos 14 anos e o jejum entre os 18 e os 59 anos completos, que nos aproxima do Senhor e dão à alma uma alegria especial. A Igreja pede-nos também que pratiquemos a esmola, que oferecida com um coração misericordioso, deseja levar um pouco de consolo aos que passam por privações ou contribuir para uma obra apostólica, pelo bem das almas. Todos os cristãos podem dar esmolas: os ricos, os médios e os pobres; deste modo, embora sejam desiguais, pela sua capacidade de dar esmolas, se tornam semelhantes, no amor e afeto com que o praticam. O despreendimento das coisas materiais, a



mortificação e a abstinência, purificam os nossos pecados e ajudam-nos a encontrar o Senhor. Porque, "Quem procura a Deus querendo continuar com os seus gostos, procura-o de noite e, de noite não o encontrará".

Não podemos deixar passar este tempo sem fomentar na alma um desejo profundo e eficaz de voltar uma vez mais para Deus, a fim de estarmos mais perto dEle.

"São Paulo nos exorta que este é um tempo excelente, que devemos aproveitar para nos convertermos". "Nós vos exortamos a não receber a graça de Deus em vão". Agora é o tempo favorável, agora é o dia da salvação. E o Senhor nos repete a cada um na intimidade do coração: "Converti-vos, voltai-vos para mim de todo o coração".

Decidamo-nos a acompanhar o Senhor nestes dias, contemplando a sua Humanidade Santíssima, nas cenas da Via-Sacra, vendo, como Ele percorre voluntariamente, o caminho da dor por nós. O Senhor oferece a todos a Salvação, é preciso abrir-se para sua graça e procurar ir ao seu encontro imediatamente. Ele quer salvar o pecador e todos somos pecadores, necessitados da misericórdia e do perdão de Deus, para ter a vida.

Ele vem salvar o que estava perdido. No antigo testamento, o Messias, é descrito, como um Pastor que virá cuidar com solicitude das suas ovelhas e curar as que estão feridas ou doentes. O Senhor veio buscar o que estava perdido, chamar os pecadores, dar a sua vida em resgate de muitos. Como tinha sido profetizado, foi Ele quem suportou os nossos sofrimentos e carregou as nossas dores e graças às suas chagas somos curados.

Devemos, pois, nos voltarmos para Deus, com toda humildade e sinceridade, buscando Nele, a graça, para abandonar o

egoísmo e o orgulho, com o desejo de nos curarmos. Jesus adverte-nos que a pior doença é a hipocrisia, que leva a dissimular os pecados próprios. É por isso, que devemos ter uma sinceridade absoluta e digamos Senhor se quiseres - e Tu queres sempre – podes curar-me. Sabes da minha debilidade, fazei que ao contemplar-te no Sacrário, eu te reconheça como Médico Divino.

umas vezes o Senhor atua diretamente na nossa alma: Quer ficar limpo? Segue adiante, sê mais humilde. Em outras ocasiões, sempre que haja pecado mais grave, o Senhor diz: “Ide e mostrai-vos ao Sacerdote, ide ao Sacramento da penitência, onde a alma encontra sempre o remédio oportuno”. E é graças ao remédio da confissão que a experiência do pecado, não degenera em desespero. Mas traz grande paz e imensa alegria.

O Senhor nos ajuda a voltar e recomeçar, estando sempre à frente, nos orientando nesta batalha, contra o pecado. Caso venha a desanimar, lembre-se: Não são os gozados de boa saúde que necessitam de médicos, mas os enfermos. Tudo tem remédio. Para o Todo Poderoso, não tem doença incurável. Limita-te a deixar-te curar, coloca-te em Suas Mãos. Faça, portanto um bom exame de consciência e peça ao Espírito Santo que derrame toda bênção. Um coração sincero e arrependido para que o Senhor com o Seu Amor alcance nossos corações e nos dê a Salvação. Porém a luta é constante, temos que lutar para permanecermos na graça. O Senhor nos salva a cada dia e permite a tentação para ver os nossos esforços para permanecer em Sua graça, deixando que Ele nos transforme e em cada vitória alcançada, contra o pecado, manifestamos o nosso amor por Ele.

No decorrer de nossa vida, seremos provados e tentados. Sendo que a provação vem de Deus e a tentação vem do demônio. Nosso Senhor Jesus passou pelas tentações, a fim de ensinar a todos os batizados e alertar que também como Ele, seremos tentados no decorrer de nossas vidas.

Mas, O Senhor, ensina-nos com a Sua conduta, como devemos vencer as tentações e como tirar proveito das provas, que iremos passar. “Ele permite a tentação e serve-se delas, providencialmente, para nos purificar, para nos fazer Santos, para nos desprender melhor das coisas da Terra, para nos conduzir a onde Ele quer e por onde quer para nos fazer feliz, numa vida que não seja cômoda e para nos dar maturidade, compreensão e eficácia no seu trabalho apostólico com as almas, e, sobretudo, para te fazer humilde, muito humilde”.

Feliz o Homem que suporta a tentação – diz o Apóstolo Tiago – porque, depois de provado, receberá a Coroa da Vida, que Deus prometeu aos que o amam.

Jesus foi tentado no deserto e resistiu a tentação nos mostrando que é preciso estarmos vigilantes nos momentos de fraqueza e cansaço que nos podem atingir, a nós e aqueles que temos obrigação de ajudar. São momentos ruins que o demônio talvez intensifique a tentação para que as nossas vidas tomem outros rumos, alheios à vontade de Deus.

Também Nosso Senhor Jesus, foi tentado no alto da Cruz: “Se é o Rei de Israel, desça agora da Cruz!”. Cristo nega-se a fazer milagres inúteis, por vaidade ou por vanglória. Nós devemos estar atentos para saber rejeitar tentações semelhantes: o desejo de ficar bem, que pode surgir até nas coisas Santas; o prurido de mostrar em benéfico próprio, falsas argumentações que pretendem fundar-se na Sagrada Escritura a atitude cética de quem pede e até exige provas de sinais extraordinários para crer, esquecidos, de que o Senhor nos dá no meio da nossa vida cotidiana graças e testemunhos suficientes para iluminarem o caminho da fé.

Na tentação do deserto o demônio oferece a Jesus toda glória e poder terreno, mostrou-lhe todos os recursos do mundo e a sua glória e disse-lhe: Dar-te-ei tudo isto se, prostrando-te diante de mim, me adorares. O Senhor rechaça definitivamente o tentador.

O demônio promete sempre mais do que pode dar. A felicidade está muito longe das suas mãos. Toda a tentação é sempre um logro miserável. Mas para nos experimentar, o demônio, conta com as nossas atribuições. E a pior delas é desejar a todo custo a glória pessoal: a ânsia de nos procurarmos e projetarmos. Muitas vezes, o pior dos ídolos é o nosso próprio eu. Temos que vigiar em luta constante, porque dentro de nós permanece a tendência de desejar a glória humana. É também para nós que o Senhor diz, quando na tentação no deserto responde a satanás: Adorarás ao Senhor Teu Deus e só A Ele servirás. E é isto o que devemos pedir e desejar: servir ao Senhor Deus alicerçados na vocação a que Ele nos chamou.

Podemos prevenir as tentações mediante a mortificação constante, com a prática da caridade e a guarda dos sentidos internos e externos. Devemos também fugir das ocasiões de pecar, por pequenas que sejam, pois aquele que ama o perigo nele perecerá. E juntamente com a mortificação a oração: Vigiai e orai para que não entreis em tentação. É necessário repetir com confiança a oração do Pai Nosso: Não nos deixes cair em tentação. E também combatermos a tentação manifestando-a abertamente ao diretor espiritual, pois expô-la é vencê-la. E pode estar certo que Deus concede a graça necessária para ser bem orientado.

Precisamos de armas contínuas para vencer qualquer tentação. Nossas armas são: a oração contínua, a sinceridade e franqueza com o teu diretor espiritual, a Santíssima Eucaristia e o Sacramento da penitência, o jejum, com generoso espírito de mortificação Cristão – que nos levará a fugir das ocasiões e evitar a ociosidade – a humildade de coração e uma devoção terna e filial a Santíssima Virgem – consolação dos aflitos e refúgio dos pecadores.

Nosso Senhor Jesus Cristo é o verdadeiro vencedor do demônio: Agora será lançado fora o príncipe deste mundo, dirá Jesus na última Ceia, poucas horas antes da Paixão. Deus, “decide enviando o seu Filho Amado na nossa carne, a fim de por Ele arrancar o homem do poder das trevas e de satanás”.

Se o demônio continua a deter certo poder sobre o mundo é porque os homens rejeitam os frutos da Redenção. Exerce o seu domínio sobre aqueles que de uma forma ou de outra, se entregam voluntariamente a ele, preferindo o reino das trevas ao reino da

graça. Por isso não devemos nos surpreender se tantas vezes vemos triunfar o mal e ser lesada a justiça. Por isso devemos buscar com alegria todos os meios que o Senhor nos deu para vencer o mal. “Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal, do maligno”. Fazei Ó Senhor que não cedamos ante a infidelidade a que nos induz aquele que foi infiel desde o começo. O nosso esforço para viver melhor nestes dias da quaresma, a fidelidade àquilo que sabemos que Deus nos pede é a melhor manifestação de que nos opomos a satanás quando responde ao Senhor: Não servirei renegando a obra de salvação. E assim estamos dizendo ao Nosso Senhor Deus: Eu te servirei Senhor.

Precisamos pedir sempre a ajuda dos Santos Anjos, para que nos auxiliem contra todas as tentações e perigos e suscitem em nossos corações boas inspirações. Eles são nossos intercessores, nossos protetores e prestam-nos a ajuda quando os invocamos.

O SACRAMENTO DA CONFISSÃO:

A quaresma é um tempo oportuno para nos esmerarmos no modo de receber o sacramento da penitência, esse encontro com Cristo presente no Sacerdote é sempre único e diferente.

Cristo acolhe nos como Bom Pastor, curanos, limpa-nos, fortalece-nos. Cumpre-se neste sacramento o que o Senhor prometera pela voz dos profetas: “Eu mesmo apascentarei as minhas ovelhas, eu mesmo as farei repousar. Procurarei a ovelha perdida, reconduzirei a desgarrada, tratarei da que estiver ferida, curarei a que estiver doente e guardarei a que estiver gorda e robusta”.

Quando nos aproximarmos deste sacramento, devemos pensar, sobretudo em Cristo. Ele deve ser o centro do ato sacramental. E a glória e o amor de Deus devem contar mais do que os pecados que tenhamos cometido: trata-se de olhar muito mais para Jesus do que para nós mesmos; para a nossa miséria, pois a vida interior é um diálogo de amor em que Deus é sempre o ponto de referência.

Cada confissão contrita é “um aproximar-se da santidade de Deus, um reencontro com a verdade interior, obscurecida e transformada pelo pecado, um libertar-se no mais profundo de si próprio e por isso, um reconquistar a alegria perdida, a alegria de ser salvo, que a maioria dos homens do nosso tempo deixou de saborear”.

Devemos sentir desejos de encontrar-nos pessoalmente com o Senhor quanto antes – Como o desejariam os seus discípulos quando se ausentavam por uns dias – para descarregarmos nele toda dor experimentada ao verificarmos nossas fraquezas, os erros, as imperfeições e os pecados cometidos, tanto ao realizarmos os nossos deveres profissionais, como no nosso relacionamento familiar e social, na atividade Apostólica e na própria vida de piedade.

Este esforço por colocar Cristo no Centro de nossas confissões é muito importante para não cairmos na rotina, para tirarmos do fundo da alma, tudo aquilo que mais nos pesa e que somente virá à tona à luz do Amor de Deus. Lembrai-vos, Senhor de

que a Vossa misericórdia e a Vossa bondade são eternas.

Tende piedade de mim, Senhor, segundo a Vossa imensa misericórdia, apague a minha iniquidade. Lavai-me por inteiro da minha falta e purificai-me do meu pecado. Devemos assim rezar ao fim de cada dia, fazendo um balanço das nossas obras e por fim clamar ao Senhor em Súplica, tende piedade de mim, Senhor...Cada um de nós sabe quanto precisa da misericórdia Divina.

Vamos, pois à confissão para pedir a absolvição das nossas culpas como quem pede uma esmola que está longe de merecer. Mas aproximamo-nos com confiança, fiados não nos nossos méritos, mas na misericórdia Divina, que é eterna e infinita, sempre inclinada ao perdão: Senhor, Tu não desprezarás um coração contrito e humilhado.

O Senhor só nos pede reconhecimento das nossas culpas humildemente, vamos até o sacerdote, porém este representa Deus, o qual está buscando e pedindo perdão. Por isso, a acusação dos pecados não consiste simplesmente em declará-los em fazer um relatório histórico das nossas faltas, mas em acusarmos delas.

É uma acusação dolorida de que coisas

oportunamente a sua situação e o tempo que decorreu desde a sua última confissão, bem como as dificuldades que teve para levar uma vida Cristã". Declarando os seus pecados e o conjunto de circunstâncias que tenha caracterizado as suas faltas a fim de que o confessor possa julgar absolver e curar.

>Confissão clara, para sermos bem entendidos, declarando a natureza precisa das faltas e manifestando a nossa própria miséria com a necessária modéstia e delicadeza.

>Confissão completa, íntegra, sem deixar de dizer nada por falsa vergonha, para "não ficar mal", diante do confessor.

Vejamos se ao preparar-nos para receber este sacramento, procurarmos saber que aquilo que vamos dizer ao confessor com satisfação esses requisitos.

Precisamos despertar e educar a consciência. A Igreja recorda-nos precisamente neste período a necessidade irrevogável da confissão sacramental, para que todos possamos viver a ressurreição de Cristo, não só na liturgia, mas também em nossa própria alma.

A confissão nos faz participar da paixão de Cristo e pelos seus méritos e da Sua ressurreição. É necessário recebermos este sacramento com as devidas disposições, para que opere em nossas almas, um renascimento, para a vida da graça. O Sangue de Cristo purifica e santifica a alma e a sua virtude, faz com que este sacramento nos confira a graça, se porventura a tivermos perdido, ou aumente, ainda que em graus diversos, segundo as disposições do penitente.

Na confissão, a alma recebe maiores luzes de Deus e um aumento de forças para sua luta diária: Graças particulares, para combater as inclinações confessadas, para evitar as ocasiões de pecar, para não reincidir nas faltas cometidas. A confissão sincera das nossas culpas deixa sempre na alma uma grande paz e uma grande alegria. A tristeza do pecado ou da falta de correspondência a Graça converter-se em júbilo.

AORAÇÃO:

Pedi e dar-se-vos-á. Buscai e achareis. Batei e abri-vos-á.

Grande parte da nossa relação com Deus situa-se no âmbito da petição: as restantes, na do agradecimento. Ao pedir, manifestamos a nossa radical insuficiência. Pedir torna-nos humildes; além disso, é uma oportunidade que damos a Deus de mostrar-se ao Pai e de conhecermos assim o amor que Ele tem por nós.

A primeira condição de toda petição eficaz é, pois, conformar a nossa vontade com a de Deus, que por vezes quer ou permite coisas e acontecimentos que nós não queremos nem entendemos, mas que acabarão por ser de grande proveito para nós e para os outros. Sempre que fizermos este ato de identificação do nosso querer com o de Deus, estaremos identificando-nos com a oração de Cristo: Não se faça a minha vontade, mas a Tua.

Não devemos desanimar e nos deixar levar por pensamentos que nos afastam da graça, é preciso ter fé, humildade e perseverança, que peçamos com confiança, sem desanimar, perante as necessidades urgentes. Mas não basta pedir, temos que fazê-lo com perseverança, sem nos

cansarmos, para que a constância alcance aquilo que os nossos méritos não conseguem.

Deus previu todas as graças e ajudas de que necessitamos, mas previu também a nossa oração.

Pedi e dar-se-vos-á...Batei e abri-vos-á. E lembrarmos agora das nossas muitas necessidades pessoais e das daqueles que vivem juntos de nós. O Senhor não nos abandonará. Deus nunca negou, nem negará nada aos que lhe pedem as suas graças da maneira devida. Se em alguma ocasião não nos foi concedida alguma coisa que pedimos confiantemente, era porque não nos convinha: "Vela pelo teu bem Aquele que não te concede o que lhes pedes, quando lhes pedes o que não te convier". Jesus sabe perfeitamente o que nos convém.

Devemos então buscar a intercessão de Nossa Senhora, dos nossos Anjos da Guarda e Arcanjos, dos Santos e Almas Benditas, para a nossa conversão; pedindo ao Senhor que nos dê a ressurreição definitiva nesta Páscoa.

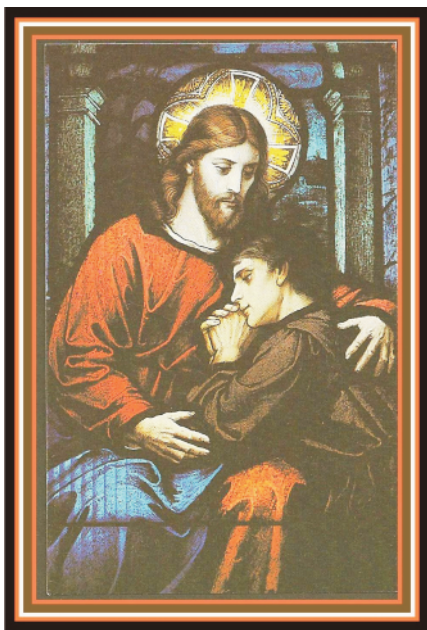
TEMPO DE PENITÊNCIA:

É verdade que um dia confessamos as nossas culpas e o Senhor nos disse: "Vai e não tornes a pecar". Mas os pecados deixam um vestígio na alma. Perdoada a culpa, permanecem as relíquias do pecado, disposições causadas pelos atos anteriores, embora fiquem debilitadas e diminuídas, de maneira que não dominem mais em forma de disposição que de hábito.

Além, disso existem pecados que nem chegamos a perceber, por falta de espírito de exame, por falta de delicadeza de consciência...São como más raízes que ficaram na alma e que é necessário arrancar mediante a penitência para impedir que produzam frutos amargos.

São, pois, muitos os motivos que temos para fazer penitência neste tempo da quaresma, e devemos concretizá-la em pequenas coisas: em mortificar os nossos gostos nas refeições – em viver a abstinência que a Igreja manda – em ser pontuais, em vigiar a imaginação... E também em procurar com o conselho do diretor espiritual, do confessor, outros sacrifícios de maior importância, que nos ajudem a purificar a alma e a reparar os pecados próprios e alheios. Ser-nos-á de grande ajuda pensar nos outros, saber que somos apoio também e através da penitência para todo o corpo místico de Cristo, e em especial para aqueles que o Senhor foi colocando ao nosso lado: "Se sentires a comunhão dos Santos". Se a viveres, será de bom grado, um homem penitente e compreenderás que a penitência é alegria, embora trabalhosa. E se sentirás aliado de todas as almas penitentes que foram, são e serão. Terá mais facilidade em cumprir o seu dever, se pensares na ajuda que te prestam os teus irmãos e terás que deixar de prestar-lhes se não és fiel:

São Leão Magno diz: "Ainda que sempre seja necessário aplicar a santificação, agora, sobretudo, durante o jejum da Quaresma, deveis aperfeiçoar-vos pela prática de uma piedade mais ativa". Dai esmola, que é muito eficaz para nos



que desejaríamos que nunca tivessem acontecido e em que não tem cabimento as desculpas com o fim de dissimularmos as nossas faltas ou de diminuirmos a responsabilidade pessoal.

Senhor... pela Vossa imensa misericórdia, apagai a minha iniquidade. Lavai-me por inteiro do meu delito e purificai-me do meu pecado.

Que nossas confissões sejam concisas, concretas, claras e completas. Confissão concisa, sem muitas palavras: apenas as necessárias, para dizermos com humildade o que fizemos, ou omitimos sem nos estendermos desnecessariamente, sem adornos.

A abundância de palavras denota às vezes o desejo, inconsciente ou não, de fugir da sinceridade direta e plena, para evitá-la, temos que fazer bem o exame de consciência.

Confissão concreta, sem divagações, sem generalidades. O penitente "indicará

corrigirmos das nossas faltas; mas perdoai também as ofensas e abandonai as queixas contra aqueles que vos fizeram algum mal.

Aproximemo-nos do altar de Deus sem carregar conosco o mesmo sentimento de inimizade ou de rancor. Pelo contrário, procuremos apresentar ao Senhor muitos atos de compreensão, de cortesia, de generosidade, de misericórdia.

Assim o seguiremos pela Via Sacra que Ele nos traçou e que o levou a deixar-se pregar na Cruz.

"Pai, perdoai-lhes porque não sabem o que fazem" (Lucas 23,34). Foi o amor, que levou Jesus ao Calvário, e na Cruz todos os Seus gestos e palavras são de amor, de amor sereno e forte. E despedaçada de dor a alma, dizemos sinceramente a Jesus: Sou teu, e entrego-me a Ti, e prego-me na Cruz de bom grado, sendo nas encruzilhada do mundo que se entregou a Ti, a Tua glória, a Redenção, à cor-redenção da humanidade inteira.

Santa Maria, nossa Mãe, ensinar-nos-á a descobrir muitas ocasiões de sermos generosos na dedicação aos que estão ao nosso lado, nas tarefas de cada dia.

Todas essas práticas que a Igreja nos indica a buscar, tem como objetivo, alcançar a conversão do coração. A cada dia, nosso esforço, por meio dessas práticas nos faz alcançar a santidade, a perfeição, somente com a oração chegaremos à salvação e descobriremos várias formas de rezarmos em tudo o que aprendemos e devemos praticar nessa Quaresma.

Lembre-se sem sacrifício não há benefício. Portanto se quisermos a graça é preciso buscar.

O Senhor chama a santidade a todos sem distinção. Sede perfeitos nos diz o Senhor, todos os que de verdade queiram ser seus discípulos, devem obedecer a seu chamado. Não há seguidores de Cristo, sem vocação Cristã, sem um chamado especial à santidade. Deus nos escolheu para sermos Santos e Imaculados na sua presença, repetirá São Paulo aos primeiros Cristãos de Éfeso; e para conseguirmos esta meta é necessário que nos empenhemos num esforço que se prolongará por todos os nossos dias aqui na Terra: "O justo, justifique-se mais e o Santo mais e mais se santifique". Pelo seu batismo, o Cristão é chamado à plenitude da vida Cristã, a santidade. O Concílio Vaticano II anunciou a toda a Igreja essa velha doutrina evangélica: O Cristão é chamado à santidade no lugar que ocupa na sociedade. "Todos os Cristãos, seja qual for a sua condição ou estado, são chamados pelo Senhor, cada um no seu caminho, à perfeição da santidade pela qual é perfeito o próprio Pai".

Todos e cada um dos Cristãos.

Sede, pois, perfeitos como Vosso Pai Celestial é perfeito. A santidade – amor crescente por Deus e pelos outros por Deus – pode e deve ser adquirida através das coisas de todos os dias, que se repetem muitas vezes numa aparente monotonia. "Para amar a Deus e servi-lo, não é necessário fazer coisas estranhas". Cristo pede a todos os homens sem exceção que sejam perfeitos como seu Pai Celestial é perfeito (MT 5, 48).

Para a grande maioria dos homens, ser santo significa santificar seu próprio trabalho e santificar os outros com o trabalho, e assim encontrar a Deus no caminho da vida.

Para que o trabalho possa converter-se em meio de santidade é necessário que seja humanamente bem feito, pois não podemos oferecer a Deus nada de defeituoso, porque não seria aceito. Um trabalho bem realizado exige não só que cuidemos dos pequenos deveres próprios de qualquer profissão, mas ainda que pratiquemos fidelissimamente a virtude da justiça para com as outras pessoas e para com a sociedade: que retifiquemos prontamente os erros que tenhamos cometido em relação às pessoas com quem ou para quem trabalhamos; que nos esforcemos constantemente por melhorar a nossa competência profissional. São



aspectos que devem ter muito presentes; tanto o empresário, como o operário ou o estudante, ou o médico ou a mãe de família, que se dedica ao cuidado da casa.

Santificar-se no trabalho, significa convertê-lo em ocasião e lugar de trato com Deus.

Para isso podemos oferecer ao Senhor as nossas tarefas antes de conhecê-las, e depois renovar esse oferecimento com frequência, aproveitando uma ou outra circunstância. Sempre apresentarão ocasiões de procurar ou aceitar pequenos sacrifícios que enriquecem a vida interior e a própria Igreja que nos ocupa; como também surgirão imensas ocasiões de praticar as virtudes humanas a laboriosidade, a tenacidade, a alegria..., bem como as sobrenaturais (a fé, a esperança, a caridade, a prudência...).

Por último o trabalho pode e deve ser meio de dar o conhecer a figura e a doutrina de Cristo a muitas pessoas.

Não existem trabalhos que não tem nada a ver com a doutrina de Jesus Cristo. Mesmo, os problemas especificamente técnicos de uma Mãe de Família no seu lar podem ter soluções diversas, conforme se tenha uma visão pagã ou Cristã na vida. Um homem sem fé terá sempre uma visão incompleta do mundo; e o estilo Cristão de comportar-se, por vezes pode chocar com as modas do momento, com as práticas correntes entre colegas de uma mesma profissão, pode

oferecer-nos, precisamente por isso, ocasiões especialmente próprias para darmos a conhecer a figura de Cristo, sendo exemplares na maneira Cristã de atuar, e conduzindo-nos com naturalidade e firmeza.

O mundo necessita de Deus, tanto mais quanto mais afirma que não necessita d'Ele. Nós, Cristãos, esforçamo-nos por seguir a Cristo seriamente, temos por missão dá-lo a conhecer. "Um segredo em voz alta: Estas crises mundiais são crises de santos. – Deus quer um punhado de homens "SEUS" em cada atividade humana. – Depois a paz de Cristo no Reino de Cristo".

Santificar o trabalho é santificar-se no trabalho. Santificar os outros no trabalho.

Os primeiros cristãos superaram muitos obstáculos através do seu esforço e do seu amor por Cristo, e mostraram-nos o caminho: a firmeza com que perseveraram na doutrina do Senhor levou de vencida a atmosfera materialista e frequentemente hostil que os rodeava. Inseridos no seio de uma sociedade pagã, não procuraram no isolamento o remédio contra um possível contágio e a sua própria sobrevivência. Estavam plenamente convencidos de serem fermento de Deus, e a sua ação silenciosa, mas eficaz acabou por transformar aquela massa informe. "Souberam, sobretudo estar serenamente presentes no mundo, sem desprezar os seus valores nem as realidades terrenas. E esta presença – "já ocupamos o mundo e todas as vossas coisas", proclamava Tertuliano – uma presença que se estendia a todos os ambientes, que se interessava por todas as realidades honestas e valiosas, impregnou-as de um espírito novo".

O Cristão, com a ajuda de Deus, procurará tornar nobre e valioso o que é vulgar e corrente, esforçar-se-á por converter tudo o que toca não tanto em ouro, com na Lenda do Rei Midas, mas em graça e glória. A Igreja recorda-nos a necessidade urgente de estarmos presentes no meio do mundo, para reconduzir a Deus todas as realidades terrenas. Isto só será possível se nos mantivermos unidos a Deus mediante a oração e os sacramentos. Como os ramos estão unidos à videira, assim devemos nós estar unidos ao Senhor em todos os instantes.

"São necessários arautos do Evangelho, peritos em humanidade, que conheçam a fundo o coração do homem de hoje, participem de suas alegrias e esperanças, das suas angústias e tristezas, e ao mesmo tempo sejam competitivos, enamorados de Deus. Para isso são precisos novos santos. Devemos suplicar ao Senhor que aumente o espírito de santidade na Igreja e nos envie santos para evangelizar o mundo de hoje". Destas palavras do Papa fazia-se eco o Sínodo Extraordinário dos Bispos, no seu balanço global sobre a situação da Igreja: "Hoje em dia, precisamos pedir a Deus – com força, com assiduidade – santos".

O Cristão deve ser "outro Cristo". Esta é a grande força do testemunho Cristão. De Jesus se dizia como resumo de sua vida, que passou pela Terra fazendo o bem, e isso deveria dizer-se de cada um de nós, se de verdade queremos imitá-lo. "O Senhor

Jesus, Mestre e Modelo divino de toda a perfeição, pregou a todos e cada um dos discípulos, de qualquer condição, a santidade de vida da qual Ele mesmo é o autor e o consumidor: Sede, pois, perfeitos....É assim evidente que todos os fiéis cristãos de qualquer estado ou condição de vida são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade. Por esta santidade, promover-se também na sociedade terrestre um modo mais humano de viver”.

Para buscar a santidade é necessário focarmos os olhos em Deus buscando sempre todos os requisitos que nos levam a perfeição.

É preciso estar disposto o Carregar a nossa Cruz a exemplo de Cristo empenhando todos os sacrifícios com amor e espírito de luta em nosso dia a dia. Temos que estar dispostos sempre a voltarmos para Deus quando o ofendemos, buscar a reconciliação e o perdão de Deus com firme propósito de mudança um sincero arrependimento, para isto precisamos da humildade com plena entrega do coração no desprendimento de tudo e de todos. Para chegar a Deus Cristo é o caminho. Mas Cristo está na Cruz; para subir à Cruz, é preciso ter o coração livre, despreendido das coisas da Terra. Ele nos deu o exemplo; sendo rico, fez-se pobre por nós. Para segui-lo, estabeleceu-nos uma condição indispensável: “Qualquer um de vós que não renuncie a tudo o que possui não pode ser meu discípulo”.

O jovem rico desta passagem não conseguiu seguir o Cristo por causa do seu apego aos bens materiais. Somos somente administradores dos bens materiais que o Senhor nos concede, por um breve espaço de tempo. Tudo nos deve servir para amar a Deus – Criador e Pai – e aos outros. Se nos apegarmos às coisas que temos e não praticarmos atos de desprendimento efetivo, se os bens não nos servem para fazer o bem, se nos separam do converter-se em males. Exclui-se do Reino dos Céus todo aquele que põe as riquezas, como centro da sua vida; idolatria é como chama, São Paulo a avareza. Um ídolo ocupa o lugar que só uma verdadeira vida interior, de um relacionamento de amor com o Senhor, todo aquele que não quebra as amarras, ainda que finas que o atam de um modo desordenado às coisas, às pessoas e si próprio.

O desprendimento nasce do amor a Cristo e, ao mesmo tempo, possibilita que esse amor cresça e viva. Deus não habita uma alma cheia de bugigangas. Por isso é necessário, um firme trabalho de vigilância e de limpeza interior.

Este tempo da Quaresma é muito oportuno para examinarmos a nossa atitude em face das coisas e em face de nós mesmos: tenho coisas desnecessárias ou supérfluas? Evito tudo o que para mim significa lixo e mero capricho, ainda que não o seja para outros? Levo uma vida sóbria, próprio de uma pessoa que quer ser santa? Faço gastos inúteis por precipitação ou por falta de previsão? Pratico habitualmente a esmola generosamente, sem avareza? Contribuo para a manutenção de alguma obra apostólica e para o culto da Igreja com uma ajuda proporcionada aos meus ganhos e

despesas?

O desprendimento necessário para seguir o Senhor incluiu, além dos bens materiais, o desprendimento de nós mesmos: da saúde do que os outros pensam de nós, das ambições nobres, dos triunfos e êxitos profissionais. Devemos também sempre rezarmos pedindo o desprendimento que nossa oração seja esta: Senhor, só quero isto ou aquilo se for do Teu agrado; senão para que me interessa?

Assim acertamos o golpe mortal no egoísmo e na vaidade, que serpenteiam por todas as consciências. Ao mesmo tempo, alcançamos à verdadeira paz na nossa alma, com um desprendimento que acaba na posse de Deus, cada vez mais íntima e mais intensa.

É assim que estamos desprendidos dos frutos do nosso trabalho?

Os Cristãos devem possuir as coisas como se nada possuíssem. Porque prevê que logo as irá deixar. Usa desse mundo como se não usasse aquele que dispõe do necessário para viver, mas não permite que nada disso domine o seu coração, para assim estar a serviço do bom andamento da alma, que tende para as coisas mais altas.

Os nossos corações são para Deus, porque foram feitos para Ele e somente nEle saciarão as suas anciãs de felicidade e de infinito.

A santificação exige que continuamente busquemos a conversão que deve ser uma recusa firme de todo pecado e de todas as circunstâncias que nos ponha em perigo de ofender a Deus. Na Terra só há um mal que deverias evitar com a graça Divina: o pecado. A perda do sentido do pecado é a ruptura da relação filial com Deus; embuida do propósito de levar uma vida a margem da obediência que lhe devemos então pecar não é negar a Deus, mas também viver como se Ele não existisse. Bani-lo do próprio cotidiano. Nós não queremos apagar o Senhor da nossa vida, mas empenhar-mos em que esteja cada vez mais presente nela.

A conversão pessoal que o Senhor nos pede depende da atitude que tomamos em face do pecado venial deliberado, pois quando não se luta para evitá-los, ou não há suficiente contrição, depois de cometê-los, causam um grande mal a alma, tornando-a insensível e indiferente às inspirações e moções do Espírito Santo de Deus. Debilitam a vida da graça, tornam mais; difícil o exercício das virtudes e inclinam-nos para o pecado mortal.

Demonstremos o nosso amor a Deus, a nossa correspondência a graça na luta decisiva por desterrar da nossa vida o pecado. Precisamos estar decididos a desterrar de nossas vidas todo o pecado, até sentirmos dor pelos nossos pecados veniais. Assim realmente começaremos a ter verdadeira vida interior.

“Restabelecer o justo sentido do pecado é a

primeira arma de combater a grave crise espiritual que pende sobre o homem do nosso tempo”.

Também para empreender decididamente a luta contra o pecado venial é preciso reconhecê-lo como tal, como ofensa a Deus que retarda a união. É preciso chamá-lo pelo seu nome, sem desculpas, sem diminuir a importância transcendental que tem para os que verdadeiramente desejam ir para Deus.

Os sentimentos de ira, inveja ou sensualidade não afastados com rapidez; o desejo de ser o centro de tudo, de chamar a atenção; a preocupação exclusiva com o próprio eu, com as coisas e interesses próprios, que leva à perda da capacidade de interessar-se pelos outros; as práticas de piedade feitas com rotinas, com pouca atenção e pouco amor; os juízos levianos e pouco caritativos sobre o próximo...tudo isso são pecados veniais e não apenas faltas ou imperfeições.

Devemos pedir ao Espírito Santo que nos ajude a reconhecer com sinceridade as nossas faltas e pecados, e ter uma consciência delicada, que pede perdão e não justifica os seus erros. “Aquele que estiver com o olfato da alma em boas condições – dizia Santo Agostinho – perceberá como fedem os seus pecados”.

Os Santos compreenderam com absoluta clareza, à luz da fé e do amor, que só um pecado – sobretudo mortal, mas também o venial – substitui uma desordem maior que o pior cataclisma que possa assolar a Terra, “pois o bem da graça de um só homem é maior que o bem natural do universo inteiro”.

Fomentemos um sincero arrependimento das nossas faltas e pecados, lutemos por tirar toda rotina ao recorrermos ao Sacramento da Misericórdia Divina. “Deves ter verdadeira dor dos pecados que confessas, por mais leves que sejam e fazer um firme propósito para o futuro. Muitos grandes bens e muito aproveitamento espiritual porque confessando-se dos pecados veniais por costume e mero cumprimento, sem pensar, em emendar-se permanecem toda a vida com eles”.

A Virgem Santa Maria, Refúgio dos pecadores ajuda-nos à cultivar uma consciência delicada a ser sinceros conosco próprios e nossas confissões, e, a saber, arrependermos prontamente das nossas fraquezas; se a Ela recorrermos em nossas orações.

Só há um meio de vencermos o pecado, morrermos para nós e nascermos para Deus. Todo o sacrifício que fizermos para combater o pecado em nosso dia a dia nos conduz a graça de sermos mortificados, se fazendo assim à vitória de Cristo em nós. Para seguir de verdade a Cristo, é necessário ter uma vida mortificada e estar perto da Cruz. Quem recusa o sacrifício afasta-se da santidade.

Com a mortificação elevamo-nos ao Senhor e perdemos o medo do sacrifício.

Todos esses meios nos deu o Senhor, para atingirmos a perfeição, a santidade,





precisamos nesta Quaresma coloca-los em prática, seguindo os mesmo passos dos Apóstolos, na observância de todos os ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Nesta Semana Santa é preciso vivenciar cada momento do caminho percorrido por Jesus até a Cruz. Pois se assim fizermos, chegaremos com Ele à ressurreição e a vida.

A Quinta-feira Santa recorda-nos a última Ceia do Senhor com os Apóstolos. Como nos anos anteriores, Jesus celebra a Páscoa, rodeado dos mais íntimos. Mas, desta vez, a celebração tem características muito especiais, por ser a última Páscoa do Senhor, do seu trânsito para o Pai e em vista dos acontecimentos que nela tem lugar. Todos os momentos desta última Ceia refletem a Majestade de Jesus, que sabe que morrerá no dia seguinte, e o seu grande amor e ternura pelos homens.

A Páscoa era a principal festa judaica e fora instituída para comemorar a libertação do povo judeu da escravidão do Egito. “Conservareis a memória deste dia, celebrando-o como uma festa em honra do Senhor: Falo - eis de geração em geração, pois é uma instituição perpétua”. Todos os judeus têm obrigação de celebrar esta festa, para manter viva a memória do seu nascimento como povo de Deus.

Jesus encarregou os seus discípulos prediletos, Pedro e João, de preparar as coisas necessárias. Os dois Apóstolos fazem o preparativo com todo o cuidado. Depois de ter levado o cordeiro ao templo a fim de imolá-lo, numa casa onde terá lugar a Ceia para assá-lo. Preparam também a água para as oblações, as “ervas amargas” (que representavam a amargura da escravidão), os “pães ázimos” (que recordavam que os seus antepassados não tinham o cozido pela pressa que tinham saído do Egito) e o vinho e etc. Esses cuidados preparativos recordavam-nos o esmero que devemos prepará-los para participar da Santa Missa. Não nos esqueçamos de que em cada Santa Missa, se renova o mesmo sacrifício de Cristo, que se entregou por nós, e de que nós também somos seus discípulos e ocupamos, portanto, o lugar de Pedro e João.

A última Ceia começa com o pôr-do-sol, Jesus recita os Salmos com voz firme e num tom particularmente expressivo. Ele desejava ardentemente comer esta Páscoa com os seus discípulos.

Lava os pés dos discípulos dando-lhes uma lição de humildade e de serviço, manifestando o amor e a ternura pelos seus. “O próprio Senhor quis dar a aquela reunião tal plenitude de significado, tal riqueza de recordações, tal comoção de palavras e sentimentos, tal novidades de atos e preceitos, que nunca acabaremos de meditá-los e explorá-los. É uma Ceia testamentária, é uma Ceia afetuosa, e imensamente triste e

ao mesmo tempo misteriosamente reveladora de promessas Divinas e de perspectivas supremas. Está próxima a morte, com os vestígios de traição, de abandono e de imolação; a conversa decai logo, enquanto a palavra de Deus flui nova, extremamente doce, tensa em confidências supremas, pairando assim entre a vida e a morte”.

O que Cristo fez pelos seus, pôde resumir-se nestas breves palavras de São João: “Amou-os até o fim”.

Este é um tempo especialmente apropriado para meditarmos neste amor de Jesus por cada um de nós, no modo como estamos correspondendo.

O Senhor antecipa de forma sacramental o sacrifício que consumará no dia seguinte no Calvário. Até aquele momento, a aliança de Deus com o seu povo estava representada pelo Cordeiro Pascal, sacrificado no Altar dos Holocaustos, pelo banquete de toda a família na Ceia Pascal. Agora o Cordeiro Imolado é o próprio Cristo: Esta é a nova aliança do Meu Sangue...O Corpo de Cristo é o novo banquete que congrega todos os irmãos: Tomai e Comei...Com Imolação e oferenda de Si próprio – Corpo e Sangue – ao Pai, como cordeiro sacrificado, o Senhor inaugura a nova e definitiva aliança entre Deus e os homens, e com ela redime-os a todos da escravidão do pecado e da morte eterna. Com a Sagrada Eucaristia, durará até que o Senhor venha, instituiu o Sacerdócio Ministerial. Desta forma, permanece conosco para sempre, com a sua presença real, verdadeira e substancial, Ele é o mesmo no Cenáculo e no Sacrário, gozamos de Sua presença sensível tanto quanto os seus discípulos, esperando a nossa gratidão por permanecer conosco.

Anuncia aos Apóstolos o novo mandamento: Que vos ameis uns aos outros, como Eu Vos amei. Desde então, sabemos que a caridade – “é o caminho para seguir a Deus mais de perto” – e para encontrá-lo com mais prontidão. Deus é AMOR, e a alma o entende melhor, quando pratica a caridade e torna-se mais nobre na medida em que cresce nesta virtude e assim seremos reconhecidos como seus discípulos. E todo gesto de amor por nós, Jesus realiza em Sua Sagrada Cruz.

Jesus é pregado na cruz. E a liturgia canta: doces cravos, doce árvore, onde a vida começa...! Toda vida de Jesus está orientada para este momento supremo. Muito a custo,

consegue chegar ofegante e exausto ao sino daquela pequena colina chamada lugar “da Caveira”, a seguir, estende-no no chão e começam a pregá-lo no madeiro, introduzem primeiro os ferros nas mãos, desfibrando-lhe nervos e carne depois, é içado até ficar erguido sobre a trave vertical fixada no chão por fim, pregam-lhe os pés. Maria, sua mãe, contempla a cena.

O Senhor está firmemente pregado na Cruz. “Tinha esperado por ela durante muitos anos, e naquele dia cumpria-se o seu desejo de redimir os homens. Aquilo que até Ele tinha sido um instrumento infame e desonroso convertia-se em árvore de vida e escada de glória. Invadia-o uma profunda alegria ao estender os braços sobre a cruz, para que todos soubessem que era assim que teria sempre os braços para os pecadores que Dele se aproximassem abertos.

“Viu – e isto o cumulou de alegria – como a cruz seria amada e adorada porque Ele iria morrer nela viu os mártires que, por seu amor para defender a verdade iriam padecer um martírio semelhante ao seu. Viu o amor dos seus amigos, viu as suas lágrimas diante da cruz. Viu o triunfo e a vitória que os cristãos alcançariam com a arma da cruz. Viu os grandes milagres que, pelo sinal da cruz, se iriam realizar em todo o mundo. Viu tantos homens que com a sua vida iriam ser santos por terem sabido morrer como Ele e por terem vencido o pecado”. Viu como nós iríamos beijar tantas vezes o crucifixo; e viu o nosso recomeçar em tantas ocasiões....

Jesus está suspenso na cruz, ao seu redor o espetáculo é desolador: alguns passam e injuriam-no; os príncipes dos sacerdotes mais ferinos zombam Dele e outros, indiferentes, simplesmente observam o que esta acontecendo. Muitos dos presentes o tinham visto abençoar, pregar uma doutrina salvadora e mesmo fazer milagres. Não há censura alguma nos olhos de Jesus; apenas piedade e compaixão.

Oferecem-lhe vinho com mirra. Daí licor àquele que desfalece e vinho àquele que traz amargura em seu coração: que bebam e esqueceram a sua miséria e não voltaram a lembrar-se das suas mágoas (Prov.31,6-7). Era costume ter este gesto de humanidade com os condenados. A bebida - um vinho forte com um pouco de mirra – adormecia e aliviava o sofrimento. O Senhor provou-a por gratidão para com aquele que lhe oferecia mais não quis tomá-la para esgotar o cálice da dor.

Por que tanto padecimento? Pergunta-se Santo Agostinho e responde: “Tudo que Ele padeceu é o preço do nosso resgate”. Não se contentou com sofrer alguma coisa: quis esgotar o cálice para que compreendêssemos a grandeza de seu amor e a baixeza do pecado; para que fôssemos generosos na entrega, na mortificação, no espírito de serviço.

Desde os tempos apostólicos até os nossos dias são muitos os que se negam a aceitar um Deus feito homem que morre num madeiro para salvar-nos: o drama da cruz continua sem escândalo para os judeus e loucura para os gentios. Desde sempre existiu a tentação de desvirtuar o sentido da cruz.

A união íntima de cada cristão com seu

Senhor necessita do conhecimento completo de sua vida, incluindo o capítulo da cruz. Aqui se consuma a nossa Redenção, aqui a dor do mundo encontra seu sentido, aqui conhecemos um pouco a malícia do pecado, o amor de Deus por cada um dos homens. Não permaneçamos indiferentes diante de um crucifixo, quis sofrer tudo isto por ti e por mim. E nós não havemos de saber corresponder?

Um dos ladrões dirigiu-se a Jesus: Senhor lembra-te de mim quando tiveres entrado no teu reino. Fala-lhe com confiança que lhe outorga o fato de ser seu companheiro de suplício, viu seu comportamento desde que empreenderam a caminhada para o Calvário: seu silêncio impressionante; seu olhar cheio de compaixão sobre a multidão que o cercava, sua grande majestade no meio de tanto cansaço e dor. As palavras que agora pronuncia não são improvisadas: imprimem o resultado final de um processo que se iniciou no seu íntimo desde o momento em que se encontrou ao lado de Jesus. Não necessitou de nenhum milagre para converter-se em discípulo de Cristo bastou-lhe contemplar de perto o sofrimento do Senhor, como tantos outros que, ao longo dos tempos, também se converteriam ao meditar em nos episódios da Paixão relatados pelos evangelistas.

No meio de tantos insultos o Senhor escutou emocionado está voz que o reconhecia como Deus. Deve ter-lhe causado uma grande alegria, depois de tanto sofrimento. Em verdade te digo: hoje mesmo estarás comigo no paraíso, disse-lhe. A eficácia da Paixão não tem fim. Vem inundando constantemente o mundo de paz, de graça, de perdão, de felicidade nas almas, de salvação. A Redenção realizada uma vez por Cristo aplica-se a cada homem, com a cooperação da sua liberdade. Cada um de nós pode dizer de verdade: o Filho de Deus amou-me e entregou-se por mim. Não por “nós” de modo genérico, mais por mim, como se eu fosse único.

“Jesus Cristo quis submeter-se por amor, com plena consciência inteira liberdade e coração sensível. Ninguém morreu como Jesus Cristo porque Ele era a própria vida. Ninguém expiou o pecado como Ele, porque Ele era a própria pureza”. Nós recebemos agora copiosamente os frutos daquele amor de Jesus na cruz. Só o nosso “não querer” pode tornar vã a Paixão de Cristo.

Ali estava sua Mãe com outras santas mulheres e João quando Jesus viu sua Mãe e o discípulo que amava, disse à sua mãe: “Mulher eis aí o teu filho. Depois disse ao discípulo: Eis aí tua mãe”. Jesus, depois de dar-se a si próprio na última ceia dá-nos agora o que mais ama na terra, o que lhe resta de mais precioso. Despojaram-no de tudo, e Ele nos dá Maria como Nossa Mãe. Preocupando-se com ela, cumpriu o quarto mandamento da Lei de Deus. Declara que ela é Nossa Mãe. Santíssima Virgem, manteve fielmente a sua união com o Filho até a cruz, permaneceu de pé sofrendo profundamente com seu Unigênito consentindo na imolação da vítima que Ela mesma tinha gerado.

A terra fica sumida em trevas são perto das três quando Jesus exclama:

- Meu Deus, meu Deus por que me abandonaste?

- Tenho sede

- Tudo esta consumado

Rasga-se o véu do templo e a terra treme quando o Senhor clama em voz forte:

- Pai, em tuas mãos entrega o meu espírito. E expira.

Ama o sacrifício, que é fonte de vida interior, ama a Cruz que é o altar do sacrifício, ama a dor, até beberes como Cristo o cálice da salvação.

Com o auxílio de Maria, Nossa Mãe, ser-nos-a mais fácil consegui-lo.

Depois de três horas de agonia Jesus morreu. Os evangelistas narram que enquanto o Senhor esteve pregado na Cruz o céu escureceu e ocorreram coisas extraordinárias pois era o Filho de Deus que morria. O véu do templo rasgou-se de alto a baixo, dando a entender que, com a morte de Cristo, ficava abolido o culto da antiga aliança; agora, o culto agradável a Deus passava a ser tributado através da humanidade de Cristo que é sacerdote e vítima.

Desceram Jesus da cruz com carinho e veneração e depositaram-no com todo cuidado nos braços de sua Mãe. Ainda que seu corpo seja uma pura chaga, o seu rosto esta sereno e cheio de majestade. Olhemos devagar e com piedade para Jesus, como a Virgem Santíssima o deve ter olhado. O Senhor não só nos resgatou do pecado e da morte, mais nos ensinou a cumprir a vontade de Deus por cima de todos os planos próprios a viver desprendidos de tudo, a saber perdoar quando aqueles que nos ofendem nem sequer se arrependem a ser apóstolos até o momento da morte a sofrer sem queixas estéreis.... “Não estorves a obra do Paráclito; uni-te a Cristo para te purificares,

e sente, com Ele, os insultos, e os escarros, e as bofetadas..., e os espinhos, e o peso da Cruz..., e os ferros rasgando a sua carne e as ânsias de uma morte a o desamparo...E mete-te no lado aberto de nosso Senhor Jesus ate encontrares refúgio seguro em seu coração chagado. Ali encontraremos a paz. Diz-nos São Boaventura, falando desse viver misticamente dentro das chagas de Cristo: “Oh, que boa coisa é estar com Jesus Cristo crucificado! Quero fazer Nele três moradas: uma, nos pés; outra, nas mãos e outra, perpétua, no seu lado aberto. Aqui quero sossegar e descansar, e dormir e orar. Aqui falarei ao seu coração...”

Olhamos para Jesus devagar e na intimidade do nosso coração, dizemos-lhe: “Ó bom Jesus ouvi-me. Dentro das vossas chagas, escondi-me. Não permitais que me separe de vós. Do inimigo maligno defendei-me. Na hora da minha morte chamai-me. E mandai-me ir para Vós, para que vos louve com os vossos santos por todos os séculos dos séculos”. Lavaram o corpo do Senhor com extrema piedade, perfumaram-no, envolveram-no num lençol novo e depositaram-no num

sepulcro escavado na rocha que era de José de Arimatéia cobriram sua cabeça com o sudário.

Como invejamos José de Arimatéia e Nicodemos! Como gostaríamos de ter estado presentes daqueles momentos, para cuidar com imensa piedade do corpo do Senhor! “Eu subirei com eles até junto da Cruz, apertar-me-ei ao corpo frio, cadáver de Cristo com o fogo do meu amor..., dêspregá-lo-ei com meus desagravos e mortificações..., envolve-lo-ei com o lençol novo da minha vida limpa e o enterrarei em meu peito de rocha vida, donde ninguém o poderá arrancar – e aí, Senhor, descansai! Quando tudo mundo vos abandonar e desprezar, eu vos servirei Senhor!”

O corpo de Jesus jaz no sepulcro. O mundo foi envolvido pelas trevas. Maria é a única luz acesa sobre a terra.

A Mãe do Senhor e as mulheres que tinham seguido o Mestre desde a Galiléia, depois de observarem tudo atentamente vão se embora também. Cai a noite.

“Agora tudo passou. Conclui-se a obra da nossa Redenção, já somos filhos de Deus, porque Jesus morreu por nós e a sua morte nos resgatou, fomos comprados por um grande preço. Temos de converter em vida nossa a vida e a morte de Cristo. Morrer pela mortificação e pela penitencia para que Cristo viva em nós pelo Amor. E seguir então os passos de Cristo, com ânsias de correrdimir todas as almas”.

O SENHOR RESSUSCITOU VERDADEIRAMENTE, ALELUIA! A Ele a Glória e o Poder pelos Séculos e Séculos.

Ao cair a tarde do sábado, Maria Madalena, e Maria, Mãe de Tiago, e Salomé compraram

perfumes para ir embalsamar o corpo morto de Jesus. – No outro dia, de manhã cedo, chegaram ao sepulcro, nascido já o Sol. E entrando, ficam consternadas porque não encontram o corpo do Senhor – um jovem, com vestes brancas, diz-lhes: “não temais; sei que procurais Jesus Nazareno. – Não está aqui porque ressuscitou como tinha anunciado. – Ressuscitou! – Jesus Ressuscitou. Não está no sepulcro. A vida

pode mais do que a morte”.

A Ressurreição gloriosa do Senhor é a chave para interpretarmos toda sua vida e o fundamento da nossa fé. Sem esta vitória sobre a morte diz São Paulo, toda pregação seria inútil e a nossa fé vazia de conteúdo. Além disso, na Ressurreição de Cristo apóia-se a nossa Ressurreição futura.

Porque Deus, rico em misericórdia, impelido pelo grande amor com que nos amou, deu-nos a vida ao mesmo tempo que a Cristo, quando estávamos mortos em consequência dos nossos pecados... com Ele nos ressuscitou.

A Ressurreição do Senhor é uma realidade central da nossa fé católica, e como tal foi



pregada desde os começos do cristianismo. A importância deste milagre é tão grande que os Apóstolos são antes de mais nada, testemunhas da Ressurreição de Jesus. Este é o núcleo de toda sua pregação, e isto é o que, depois de vinte séculos, nós anunciamos ao mundo: Cristo vive! A Ressurreição é a prova suprema da divindade de nosso Senhor.

Depois de Ressuscitar pelo seu próprio poder Jesus glorioso foi visto pelos discípulos que puderam certificar-se de que era ele mesmo: puderam falar com Ele, viram-no comer, verificaram as marcas dos pregos e da lança no seu corpo.... E as Apóstolos declararam que Jesus se manifestou com muitas provas, e muitos deles morreram em testemunho desta verdade.

“Apareceu a sua Mãe Santíssima. – Apareceu a Maria de Magdala, que está louca de amor. – E a Pedro e aos demais Apóstolos. – E a ti e a mim, que somos seus discípulos e mais loucos que Madalena. Que coisas lhe dissemos!”

“Que nunca morramos pelo pecado; que seja eterna a nossa ressurreição espiritual. – E, beijasse as chagas dos seus pés e o seu lado aberto.

A Ressurreição é a grande luz para todo o mundo: Eu Sou a luz, disse Jesus; luz para o mundo para cada época da história, para cada sociedade, para cada homem. Ouviremos no Sábado Santo a Igreja proclamando a feliz notícia: a luz de Cristo que ressuscita glorioso dissipou as trevas do coração e do espírito. E todos os fiéis receberão a luz, é a luz que a Igreja derrama generosamente sobre a terra mergulhada em trevas. O Senhor nos chama a levarmos a todos sua luz, para isso devemos estar unidos a Cristo sermos por Ele ressuscitados e assim se cumprirá sua palavra: “quando for levantado ao alto sobre a terra tudo atrairei a mim” (Jo 12, 32). Cristo, com a sua encarnação, com a sua vida de trabalho em Nazaré, com a sua pregação e milagres pelas terras da Judéia e da Galiléia, quando a sua morte na Cruz, com a sua Ressurreição, é o centro da criação, primogênito e Senhor de toda criatura.

Não podemos deixar de felicitar a Virgem Santíssima pela Ressurreição do seu Filho. É o que nós fazemos a parti de agora rezando Regina Coeli, durante o tempo Pascal: Rainha do Céu, alegrai-vos, Aleluia! Porque aquele que merecestes trazer no vosso seio Ressuscitou como disse Aleluia!.....E lhe pedimos que nos alcance a graça de ressuscitar para sempre de todo pecado, a fim de permanecermos em íntima união com Jesus Cristo.

Façamos o propósito de vivermos este tempo Pascal muito unidos a Virgem Santíssima.

MENSAGEM DO SANTO PADRE O PAPA BENTO XVI:

Mensagem do Papa Bento XVI para a Quaresma 2009, cujo tema é: “Jejuou durante quarenta dias e quarenta noites e, por fim, teve fome”. “Queridos irmãos e irmãs! No início da Quaresma, que constitui um caminho de treino espiritual mais intenso, a Liturgia propõe-nos três práticas penitenciais muito queridas à tradição bíblica e cristã – a oração, a esmola, o jejum – a fim de nos predispor para celebrar melhor a Páscoa

e deste modo fazer experiência do poder de Deus que, como ouviremos na Vigília pascal, «derrota o mal, lava as culpas, restitui a inocência aos pecadores, a alegria aos aflitos. Dissipa o ódio, domina a insensibilidade dos poderosos, promove a concórdia e a paz» (Hino pascal). Na habitual Mensagem quaresmal, gostaria de reflectir este ano em particular sobre o valor e o sentido do jejum. De facto a Quaresma traz à mente os quarenta dias de jejum vividos pelo Senhor no deserto antes de empreender a sua missão pública. Lemos no Evangelho: «O Espírito conduziu Jesus ao deserto a fim de ser tentado pelo demónio. Jejuou durante quarenta dias e quarenta noites e, por fim, teve fome» (Mt 4, 1-2). Como Moisés antes de receber as Tábuas da Lei (cf. Êx 34, 28), como Elias antes de encontrar o Senhor no monte Horeb (cf. 1 Rs 19, 8), assim Jesus rezando e jejuando se preparou para a sua missão, cujo início foi um duro confronto com o tentador. Podemos perguntar que valor e que sentido tem para nós, cristãos, privar-nos de algo que seria em si bom e útil para o nosso sustento. As Sagradas Escrituras e toda a tradição cristã ensinam que o jejum é de grande ajuda para evitar o pecado e tudo o que a ele induz. Por isto, na história da salvação é frequente o convite a jejuar. Já nas primeiras páginas da Sagrada Escritura o Senhor comanda que o homem se abstenha de comer o fruto proibido: «Podes comer o fruto de todas as árvores do jardim; mas não comas o da árvore da ciência do bem e do mal, porque, no dia em que o comeres, certamente morrerás» (Gn 2, 16-17). Comentando a ordem divina, São Basílio observa que «o jejum foi ordenado no Paraíso», e «o primeiro mandamento neste sentido foi dado a Adão». Portanto, ele conclui: «O “não comas” e, portanto, a lei do jejum e da abstinência» (cf. Sermo de jejúo: PG 31, 163, 98). Dado que todos estamos entorpecidos pelo pecado e pelas suas conseqüências, o jejum é-nos oferecido como um meio para restabelecer a amizade com o Senhor. Assim fez Esdras antes da viagem de regresso do exílio à Terra Prometida, convidando o povo reunido a jejuar «para nos humilhar – diz – diante do nosso Deus» (8, 21). O Onipotente ouviu a sua prece e garantiu os seus favores e a sua protecção. O mesmo fizeram os habitantes de Ninive que, sensíveis ao apelo de Jonas ao arrependimento, proclamaram, como testemunho da sua sinceridade, um jejum dizendo: «Quem sabe se Deus não Se arrependerá, e acalmará o ardor da Sua ira, de modo que não pereçamos?» (3, 9). Também então Deus viu as suas obras e os poupou. No Novo Testamento, Jesus ressalta a razão profunda do jejum, condenando a atitude dos fariseus, os quais observaram escrupulosamente as prescrições impostas pela lei, mas o seu coração estava distante de Deus. O verdadeiro jejum, repete também noutras partes o Mestre divino, é antes cumprir a vontade do Pai celeste, o qual «vê no oculto, recompensar-te-á» (Mt 6, 18). Ele próprio dá o exemplo respondendo a satanás, no final dos 40 dias transcorridos no deserto, que «nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus» (Mt 4, 4). O verdadeiro jejum finaliza-se portanto a comer o «verdadeiro alimento», que é fazer a vontade do Pai (cf. Jo 4, 34). Portanto, se

Adão desobedeceu ao mandamento do Senhor «de não comer o fruto da árvore da ciência do bem e do mal», com o jejum o crente deseja submeter-se humildemente a Deus, confiando na sua bondade e misericórdia. Encontramos a prática do jejum muito presente na primeira comunidade cristã (cf. Act 13, 3; 14, 22; 27, 21; 2 Cor 6, 5). Também os Padres da Igreja falam da força do jejum, capaz de impedir o pecado, de reprimir os desejos do «velho Adão», e de abrir no coração do crente o caminho para Deus. O jejum é também uma prática frequente e recomendada pelos santos de todas as épocas. Escreve São Pedro Crisólogo: «O jejum é a alma da oração e a misericórdia é a vida do jejum, portanto quem reza jeje. Quem jejeja tenha misericórdia. Quem, ao pedir, deseja ser atendido, atenda quem a ele se dirige. Quem quer encontrar aberto em seu benefício o coração de Deus não feche o seu a quem o suplica» (Sermo 43; PL 52, 320.332). Nos nossos dias, a prática do jejum parece ter perdido um pouco do seu valor espiritual e ter adquirido antes, numa cultura marcada pela busca da satisfação material, o valor de uma medida terapêutica para a cura do próprio corpo. Jejuar sem dúvida é bom para o bem-estar, mas para os crentes é em primeiro lugar uma «terapia» para curar tudo o que os impede de se conformarem com a vontade de Deus. Na Constituição apostólica Paenitemini de 1966, o servo de Deus Paulo VI reconhecia a necessidade de colocar o jejum no contexto da chamada de cada cristão a «não viver mais para si mesmo, mas para aquele que o amou e se entregou a si por ele, e... também a viver pelos irmãos» (Cf. Cap. I). A Quaresma poderia ser uma ocasião oportuna para retomar as normas contidas na citada Constituição apostólica, valorizando o significado autêntico e perene desta antiga prática penitencial, que pode ajudar-nos a mortificar o nosso egoísmo e a abrir o coração ao amor de Deus e do próximo, primeiro e máximo mandamento da nova Lei e compêndio de todo o Evangelho (cf. Mt 22, 34-40). A prática fiel do jejum contribui ainda para conferir unidade à pessoa, corpo e alma, ajudando-a a evitar o pecado e a crescer na intimidade com o Senhor. Santo Agostinho, que conhecia bem as próprias inclinações negativas e as definia «nó complicado e emaranhado» (Confissões, II, 10.18), no seu tratado A utilidade do jejum, escrevia: «Certamente é um suplício que me inflige, mas para que Ele me perdoe; castigo-me por mim mesmo para que Ele me ajude, para aprazer aos seus olhos, para alcançar o agrado da sua doçura» (Sermo 400, 3, 3: PL 40, 708). Privar-se do sustento material que alimenta o corpo facilita uma ulterior disposição para ouvir Cristo e para se alimentar da sua palavra de salvação. Com o jejum e com a oração permitimos que Ele venha saciar a fome mais profunda que vivemos no nosso íntimo: a fome e a sede de Deus. Ao mesmo tempo, o jejum ajuda-nos a tomar consciência da situação na qual vivem tantos irmãos nossos. Na sua Primeira Carta São João admoesta: «Aquele que tiver bens deste mundo e vir o seu irmão sofrer necessidade, mas lhe fechar o seu coração, como estará nele o amor de Deus?» (3, 17). Jejuar voluntariamente ajuda-nos a cultivar o estilo do Bom Samaritano, que se inclina e socorre o irmão que sofre (cf. Enc. Deus

caritas est, 15). Escolhendo livremente privar-nos de algo para ajudar os outros, mostramos concretamente que o próximo em dificuldade não nos é indiferente. Precisamente para manter viva esta atitude de acolhimento e de atenção para com os irmãos, encorajo as paróquias e todas as outras comunidades a intensificar na Quaresma a prática do jejum pessoal e comunitário, cultivando de igual modo a escuta da Palavra de Deus, a oração e a esmola. Foi este, desde o início o estilo da comunidade cristã, na qual eram feitas colectas especiais (cf. 2 Cor 8-9; Rm 15, 25-27), e os irmãos eram convidados a dar aos pobres quanto, graças ao jejum, tinham poupado (cf. Didascalía Ap., V, 20, 18). Também hoje esta prática deve ser redescoberta e encorajada, sobretudo durante o tempo litúrgico quaresmal. De quanto disse sobressai com grande clareza que o jejum representa uma prática ascética importante, uma arma espiritual para lutar contra qualquer eventual apego desordenado a nós mesmos. Privar-se voluntariamente do prazer dos alimentos e de outros bens materiais, ajuda o discípulo de Cristo a controlar os apetites da natureza fragilizada pela culpa da origem, cujos efeitos negativos atingem toda a personalidade humana. Exorta oportunamente um antigo hino litúrgico quaresmal: «Usemos de modo mais sóbrio palavras, alimentos, bebidas, sono e jogos, e permaneçamos mais atentamente vigilantes». Queridos irmãos e irmãs, considerando bem, o jejum tem como sua finalidade última ajudar cada um de nós, como escrevia o Servo de Deus Papa João Paulo II, a fazer dom total de si a Deus (cf. Enc. Veritatis splendor, 21). A Quaresma seja portanto valorizada em cada família e em cada comunidade cristã para afastar tudo o que distrai o espírito e para intensificar o que alimenta a alma abrindo-a ao amor de Deus e do próximo. Penso em particular num maior compromisso na oração, na lectio divina, no recurso ao Sacramento da Reconciliação e na participação activa na Eucaristia, sobretudo na Santa Missa dominical. Com esta disposição interior entremos no clima penitencial da Quaresma. Acompanhe-nos a Bem-Aventurada Virgem Maria, Causa nostrae laetitiae, e ampare-nos no esforço de libertar o nosso coração da escravidão do pecado para o tornar cada vez mais «tabernáculo vivo de Deus». Com estes votos, ao garantir a minha oração para que cada crente e comunidade eclesial percorra um proveitoso itinerário quaresmal, concedo de coração a todos a Bênção Apostólica».

Vaticano, 11 de Dezembro de 2008.
Benedictus PP. XVI

A VIDA DE SÃO PADRE PIO DE PIETRELCINA:

“O Padre Pio de Pietrelcina que se chamava Francesco (Francisco) Forgione, nasceu em Pietrelcina, perto de Benevento (Itália), em 25 de maio de 1.887. Pertencia a uma família humilde tendo como pai Grazio Forgione e a mãe Giuseppa Di Nunzio. Foi batizado no dia seguinte de seu nascimento.

Desde muito menino Francesco experimentou em si o desejo de consagrar-se totalmente a Deus. Era uma criança discreta, tinha uma grande necessidade de solidão que o levava a se distanciar das

brincadeiras dos colegas. Preferia dedicar-se à prece e à contemplação.

Tal “diferença” foi observada por seus parentes e amigos. Narra a mãe: “Não cometeu nunca nenhuma falta, não tinha caprichos, sempre obedeceu a mim e a seu pai, a cada manhã e a cada tarde ia à igreja visitar a Jesus e a Virgem. Durante o dia não saía nunca com os seus companheiros”. Às vezes eu dizia: - “Franci vá um pouco a brincar”. Ele se negava dizendo: - “Não quero ir porque eles blasfemam”.

Sua mãe ao perceber qual era a vocação do filho, apesar da pobreza, providenciou para que ele pudesse estudar e tornar-se sacerdote.

Em 22 de janeiro de 1.903, aos dezesseis anos, tornou-se noviço na ordem dos Franciscanos com o nome de frei Pio.

Foi ordenado sacerdote na Catedral de Benevento, a 10 de agosto de 1.910. Teve assim início sua vida sacerdotal que por causa de suas condições precárias de saúde, passou primeiro em muitos conventos da província de Benevento.

Até que a partir de 4 setembro de 1.916 chegou ao convento de San Giovanni Rotondo, onde ficou até o dia de seu falecimento”.

>VIDA DE ORAÇÃO/PENITÊNCIA E SOFRIMENTO: “Padre Pio iniciava seus dias despertando-se a noite, muito antes da aurora.

Se dedicava a oração e com grande fervor aproveitava a solidão e o silêncio da noite.

Visitava diariamente por longas horas a Jesus Sacramentado, preparando-se para a Santa Missa, e daí sempre tirou as forças necessárias, para seu grande trabalho com as almas, levando-as até Deus no Sacramento da Confissão.

Recorreu habitualmente à mortificação para conseguir a virtude da temperança, conforme o estilo franciscano”.

DIZIA: «Nos livros, procuramos Deus; na oração, encontramos-Lo. A oração é a chave que abre o coração de Deus».

>FÉ/ESPERANÇA E CONFIANÇA: “Para Padre Pio, a fé era a vida: tudo desejava e tudo fazia à luz da fé.

A fé levou-o a aceitar sempre a vontade misteriosa de Deus.

Viveu imerso nas realidades sobrenaturais. Não só era o homem da esperança e da confiança total em Deus, mas, com as palavras e o exemplo, infundia estas virtudes em todos aqueles que se aproximavam dele”.

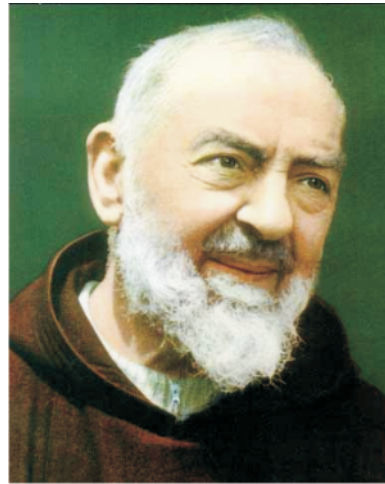
>AMOR E CARIDADE: “O amor de Deus inundava-o, saciando todos os seus anseios; a caridade era o princípio inspirador do seu dia: amar a Deus e fazê-Lo amar. A sua particular preocupação: crescer e fazer crescer na caridade.

A máxima expressão da sua caridade para com o próximo, ve-mo-la no acolhimento prestado por ele, às inúmeras pessoas que acorriam ao seu ministério e ao seu confessionário, ao seu conselho e ao seu conforto. Parecia um assédio: procuravam-

no na igreja, na sacristia, no convento. E ele prestava-se a todos, fazendo renascer a fé, espalhando a graça, iluminando. Mas, sobretudo nos pobres, atribulados e doentes, ele via a imagem de Cristo e a eles se entregava de modo especial.

Abrasado de amor por Jesus Cristo, com Ele se configurou imolando-se pela salvação do mundo. Foi generoso e perfeito no seguimento e imitação de Cristo Crucificado”.

>OBEDIÊNCIA: “Consciente dos compromissos assumidos com a vida consagrada observou com generosidade os votos professados. Foi obediente em tudo às ordens de seus Superiores, mesmo quando eram difíceis. A sua obediência era: sobrenatural na intenção, universal na extensão e integral no cumprimento. Exercitou o espírito de pobreza, com total desapego de si próprio, dos bens terrenos, das comodidades e das honrarias”.



>SEU ÚNICO INTERESSE: A glória de Deus e o bem das almas. “A todos tratou com justiça, lealdade e grande respeito.

Sempre teve uma grande predileção pela virtude da castidade. O seu comportamento era, em todo o lado e para com todos, modesto”.

>O SACRAMENTO DA CONFISSÃO: “Atendia confissão por longas horas, até 14 horas diárias, e assim salvou muitas almas”.

>A SANTA MISSA: “O momento mais alto da sua atividade apostólica era aquele em que celebrava a Santa Missa. Os fiéis, que nela participavam, pressentiam o ponto mais alto e a plenitude da sua espiritualidade.

Padre Pio revivia em cada Santa Missa a Paixão de Jesus com grande dor.

Ele nos ensinava que nossa Salvação só se poderia obter se, em primeiro lugar, a cruz fosse plantada em nossa vida”. Dizia: “Creio que a Santíssima Eucaristia é o grande meio para aspirar à Santa Perfeição, mas é preciso recebê-La com o desejo e o engajamento de arrancar, do próprio coração, tudo o que desagrade Àquele que queremos ter em nós”. (27 de julho 1.917).

>CONSIDERAVA-SE INÚTIL: “Considerava-se sinceramente inútil, indigno dos dons de Deus, cheio de misérias e ao mesmo tempo de favores divinos”. No meio de tanta admiração do mundo, ele repetia: «Quero ser apenas um pobre frade que reza».

>OS ESTIGMAS: “Um dos acontecimentos que marcou intensamente a vida de Padre Pio, foi que se verificou na manhã do dia 20 de setembro de 1.918, quando, rezando diante do Crucifixo do coro da velha e pequena igreja após a celebração da Santa Missa, o Padre Pio recebeu o maravilhoso presente dos estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo em suas mãos, pés e no peito, convertendo-se no primeiro sacerdote estigmatizado.

Os estigmas/feridas foram visíveis e ficaram abertas, frescas e sangrentas, por meio

século.

Este fenômeno extraordinário tornou a chamar, sobre o Padre Pio a atenção dos médicos, dos estudiosos, dos jornalistas, enfim sobre toda a gente que, no período de muitas décadas foram a San Giovanni Rotondo para encontrar o santo frade e pedir sua intercessão junto à Deus".

>Carta de São Padre Pio a seu diretor espiritual (Sobre os estigmas): "Em meio das mãos apareceu uma mancha vermelha, do tamanho de uma pequena moeda, acompanhada por uma intensa dor. Também debaixo dos pés sinto dor". ".....Foi na manhã do dia 20 do mês passado (setembro) no coro, depois da celebração da Santa Missa..... dei-me conta de que minhas mãos, pés e peito foram feridos e jorravam sangue. Imaginais o suplício que experimentei então e que estou experimentando continuamente todos os dias. A ferida do coração, continuamente sangra. Começa na quinta feira pela tarde até sábado. Meu pai, eu morro de dor pelo suplício e confusão que experimento no mais íntimo da alma. Temo morrer em sangue, se Deus não ouvir os gemidos do meu pobre coração, e ter piedade de retirar de mim esta situação..."

>"Não desejo o sofrimento por ele mesmo, não; mas pelos frutos que me dá. Ele dá glória a Deus e salva meus irmãos, que mais posso desejar?"

>**FORTALEZA:** "Nele refulgiu a virtude da fortaleza. Bem cedo compreendeu que o seu caminho haveria de ser o da Cruz, e logo o aceitou com coragem e por amor. Durante muitos anos, experimentou os sofrimentos da alma. Ao longo de vários anos suportou, com serenidade admirável, as dores das suas chagas".

>**INVESTIGAÇÃO:** "Quando seu serviço sacerdotal esteve submetido a investigações, sofreu muito, mas aceitou tudo com profunda humildade e resignação. Frente a acusações injustificáveis e calúnias, permaneceu calado, sempre confiando no julgamento de Deus, dos seus superiores diretos e de sua própria consciência".

>**EXEMPLO DE VIDA:** "Passou sua vida na humildade, no sofrimento e no sacrifício, de onde para atuar seu amor, o Padre Pio realizou duas iniciativas em duas direções: 01) A fundação dos: Grupos de oração; 02) A construção de um moderno hospital: "Casa Alívio do Sofrimento" o mais importante do sul da Itália, cuja construção terminou em 1.956".

>**FINAL DA SUA VIDA:** "No dia 20 de setembro de 1.968, Padre Pio cumpria 50 anos, desde que lhe aparecera os primeiros estigmas do Senhor Jesus. Ele celebrou a missa na hora acostuada de sempre. Desde a juventude, sua saúde não foi muito brilhante e, sobretudo nos últimos anos da sua vida, declinou rapidamente. Morreu, no dia 22 de setembro de 1.968, com 81 anos".

>**OS ESTIGMAS DESAPARECEM:** "Ao morrer, desapareceram-lhe os estigmas com o qual o Senhor dava um sinal claro da origem mística e sobrenatural das mesmas. Já gozava de larga fama de santidade durante a sua vida, devido às suas virtudes, ao seu espírito de oração, de sacrifício e de dedicação total ao bem das almas.

Nos anos que se seguiram à sua morte, a fama de santidade e de milagres foi crescendo cada vez mais, tornando-se um

fenômeno eclesial, espalhado por todo o mundo e em todas as categorias de pessoas".

>**PALAVRAS DO PAPA PAULO VI:** "No dia 20 de Fevereiro de 1.971, apenas três anos depois da morte do Padre Pio, o Santo Padre Paulo VI, dirigindo-se aos Superiores da Ordem dos Capuchinhos, disse dele": «Olhai a fama que alcançou, quantos devotos do mundo inteiro se reúnem ao seu redor! Mas por quê? Por ser talvez um filósofo? Por ser um sábio? Por ter muitos meios à sua disposição? Não! Porque celebrava a Missa humildemente, confessava de manhã até à noite e era – como dizê-lo?! – a imagem impressa dos estigmas de Nosso Senhor. Era um homem de oração e de sofrimento».

>**BEATIFICAÇÃO/CANONIZAÇÃO:** "O Papa João Paulo II o proclama beato em 02 de maio de 1.999 e santo em 26 de fevereiro de 2.002".

>**CARTA DE SÃO PADRE PIO PARA PADRE AGOSTINO** (seu conselheiro espiritual): (data 12/03/1.913)

"... meu padre, escute as reclamações de nosso doce Jesus: É reembolsado "meu amor para os homens com tanta ingratidão! Essas pessoas teriam me ofendido se eu os tivesse amado menos. Meu padre não queira os agüentar mais. Eu gostaria de deixar de amá-los, mas... (E aqui Jesus se manteve silencioso e, logo depois me disse) mas meu coração é feito por amor! Os homens cansados não fazem qualquer esforço para ganhar das tentações. Mas também estes homens desfrutam as suas injustiças. As alas que eu mais amo são as que quando sofrem uma tentação e quando elas não têm êxito resistido, me invocam pedindo ajuda e eu me presto e as fortifico em suas tentações. As almas fracas se desanimam e desesperam-se. As almas fortes que confiam em Jesus, me chamam eu venho para relaxa-los. Eles me deixam só durante a noite e pela manhã na igreja. Eles não levam ao cuidado do sacramento do altar; eles não falam mais deste sacramento de amor; e também as pessoas que falam deste sacramento, falam com tanta indiferença e frieza. Meu Coração foi esquecido; ninguém leva ao cuidado de meu amor; Eu sempre sou entristecido. Minha casa tornou-se um teatro de obras para muitas pessoas; até mesmo meus padres que eu sempre protegi cuidadosamente, que eu amei como aluno de meu olho; eles deveriam confortar meu coração cheio de amargura; eles deveriam me ajudar na redenção das almas, em troca. Quem acreditaria nisto? Eu recebo a ingratidão deles. Eu vejo, meu Filho, muito deles que... (Aqui ele parou, soluça apertando a garganta, ele chorou) que debaixo de falsa semelhança eles me traem com comunhões sacrílegas, estampando na luz as forças que eu lhes dou continuamente..."

Unidos ao anseio do Coração de Deus, esperamos que realmente todos queiram a sua graça nesta Quaresma se preparando para esta Páscoa; e que o Senhor Jesus possa assim encontrar o coração de cada um elevando ao Pai para uma ressurreição definitiva. São os nossos votos.

**Feliz Páscoa em Nosso Senhor Jesus!
(Associação Filhos de Jesus e Maria)**

LETRAMÚSICA AFJM:

Ao entardecer deste dia, onde finda a peregrinação do Santíssimo Senhor.

E da terra qual vossos santos pés pisaram, emanando o perfume da Santíssima Redenção.

Então o sepulcro vazio, encontrado foi. E Jesus Cristo Sacramento vivo do Pai a Ele se elevou junto aos anjos e santos. Bradando glórias e glórias.

Bradam os anjos do céu, bradam os santos, bradas tu também e creias, Jesus Cristo ressuscitou, eis a ressurreição, eis a vitória, Jesus Cristo Ressuscitou.

Sede bendito Deus de nossos Pais, porque oferecendo permitiu, padecer hoje Jesus Cristo vencedor da morte, ressurgindo para toda a humanidade.

Louvido seja Rei dos Reis, vitória quer ter em nossos corações, para que a fé floresça.

Então não somente no tempo que nos convida a reflexão, mas para todos os dias que os pés humanos tocarem o chão.

Cantemos glórias e glórias.

Antes de subir aos céus, enviou o Espírito Santo. Que te convida a crer que hoje o mesmo Jesus que curou, libertou, converteu, está sentado a direita do Santíssimo Deus.

A Ele glórias e glórias.

Tu não é somente alguém que não se pode ver, Tu és parte desta igreja que julgada será e convidada está à comunhão da verdadeira fé.

Como de Abraão, de Jacó e Moisés que enviado o Messias seria para salvar.

Eis o Messias, Jesus Cristo de Nazaré, Ressuscitado, Jesus Cristo de Nazaré.

BIBLIOGRAFIA:

Livro: Padre Pio – O São Francisco de nosso tempo – Luigi Peroni – Editora Paulinas

Livro: "Falar com Deus; meditações para cada dia do ano"- 4 edição-Francisco Fernández Carvajal-Editora Quadrante

Sites:

http://www.italiamiga.com.br/artecultura/artigos/a_missa_explicada_por_padre_pio.htm

<http://www.capela.org.br/Missa/padrepio.htm>

<http://www.padrepio.catholicwebservices.com/>

<http://www.acidigital.com/biografias/testigos/padrepio.htm>

http://www.vatican.va/news_services/liturg/saints/ns_lit_doc_20020616_padre-pio_po.html

<http://www.bibliacatolica.com.br/>

<http://www.catholic.org.mo/>



Informativo:

Instituto de Musica Santa Cecília
Teclado - Contra-Baixo - Violão - Guitarra
Bateria - Canto - Musicalização Infantil

Fone
(19) 3241-7706

Publicação e Edição:



Associação Filhos de Jesus e Maria
www.afjm.org.br

Tiragem: 150 exemplares